



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos,
raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Feminismos e Serviço Social

FEMINISMO NA AMÉRICA LATINA: UMA BREVE TEMATIZAÇÃO NO CONTEXTO NEOLIBERAL

IZY REBEKA GOMES LIMA ¹

RESUMO:

O presente artigo objetiva tratar sobre a tematização do movimento feminista no contexto latino americano. A discussão foi apoiada no materialismo histórico dialético e se deu através de um levantamento exploratório de estudos sobre a temática. Foram pontuados os desafios atuais que perpassam o campo feminista em face às ameaças neoliberais e o avanço do conservadorismo.

Palavras-chave: Feminismo. Neoliberalismo. América Latina.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo abordar la temática del movimiento feminista en el contexto latinoamericano. La discusión se apoyó en el materialismo histórico dialéctico y se desarrolló a través de un estudio exploratorio de estudios sobre el tema. Se destacaron los desafíos actuales que permean el campo feminista ante las amenazas neoliberales y el avance del conservadurismo.

Palabras clave: Feminismo. Neoliberalismo. América Latina.

1. Introdução

O cenário neoliberal ilustra as implicações de relações de poder e dominação no tratamento conferido ao conjunto de movimentos sociais reivindicatórios de mulheres. Apesar dos avanços construídos historicamente pelas feministas, esse processo acentua-se no que se refere à garantia de direitos fundamentais, dentre os quais os sexuais e reprodutivos.

¹ Universidade Estadual do Ceará



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A produção deste trabalho gira em torno da problematização da configuração das condições do feminismo na América Latina frente ao contexto neoliberal. Para tanto é essencial examinar o papel do movimento feminista na desconstrução das bases culturalmente discriminatórias, inclusive promovendo o reconhecimento da perspectiva de gênero como um meio de assegurar os direitos humanos das mulheres.

Realiza-se nesse sentido, breves apontamentos sobre o feminismo, considerando conceitos pertinentes ao debate, seguindo o debate com considerações sobre o feminismo latino americano e suas reivindicações frente ao projeto neoliberal.

Este artigo fundamenta-se no materialismo histórico dialético como sua base teórica para realizar uma análise crítica sobre como os fenômenos sociais são influenciados e determinados. Ele considera o movimento histórico dialético da totalidade social como um quadro de referência. O objetivo é levantar questões que possam aumentar a visibilidade das mobilizações feministas, promovendo uma reflexão mais profunda sobre esses movimentos e suas dinâmicas dentro da sociedade.

2. Breves apontamentos sobre o feminismo

A concepção teórico metodológica de Marx, o materialismo histórico dialético, compreende a história como uma direção de estudo e análise, empreendendo a importância de estudar a história, as condições de vida das formações sociais antes de provir ideias políticas, religiosas, estéticas. (MARX; ENGELS, 1963).

A opressão vivenciada pelas mulheres é uma das formas mais antigas de violência e exploração, expressa no conjunto de relações sociais que se desenvolveram e se reproduzem ao longo da história.

A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob forma de escravidão de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. Num velho manuscrito inédito, redigido em 1846 por Marx e por mim, encontro a seguinte frase: 'A primeira divisão do trabalho é a que se faz presente entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos'. Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (ENGELS, 1984, p. 70-71).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Com o advento da sociedade capitalista¹, elevam-se as contradições presentes em todas as formações sociais e econômicas anteriores, e também, as adversidades impostas à mulher, marcada pelo antagonismo entre as classes, o acirramento da desigualdade, opressão e a exploração de uma classe por outra e de um sexo por outro. (SAFFIOTTI, 1976). Essa desigualdade, conformada ao longo das formações sociais, é transformada e adaptada a partir dos interesses do capital, naturalizados pela sociedade.

O patriarcado é uma dessas formas de naturalização, estruturado nas práticas sociais, com intuito de assegurar a subordinação da mulher ao homem, com base na lógica que serve ao capital. A estrutura patriarcal, antecede o modo de produção capitalista, mas juntos, potencializam a hegemonia da hierarquia entre os homens e mulheres, com primazia masculina. (SAFFIOTTI, 2004). E analisado a partir do prisma da luta de classes, é possível desmistificar o conjunto de desigualdade legitimadas historicamente pela ideologia patriarcal, que inferiorizam e exploram a mulher da classe trabalhadora. (SAFFIOTTI, 1987).

Se, historicamente, instituiu-se na sociedade capitalista a divisão social do trabalho que atribui às mulheres as tarefas domésticas e aos homens as atividades produtivas, na prática, sempre houve mulheres que estiveram tanto na esfera da produção quanto da reprodução, enquanto os homens se mantiveram, até hoje, pelo menos como maioria, apenas na esfera da produção. (ÁVILA, 2015, p. 39).

Neste contexto, o feminismo trouxe à tona questões que não apenas estavam ligadas aos interesses das mulheres, mas também confrontavam diretamente os mecanismos de exploração do capital, a contestação da família nuclear burguesa e monogâmica e a denúncia da exploração da força de trabalho feminina tanto na esfera produtiva como reprodutiva podem ser consideradas fundamentais para a sustentabilidade do capitalismo.

A palavra feminismo tem origem francesa e vem da palavra Femme, que em francês significa mulher. Feminismo pode ser então compreendido como tudo aquilo que diz respeito à emancipação das mulheres. Hoje o feminismo é, entretanto, mais que isto. O feminismo é ao mesmo tempo uma teoria que analisa criticamente o mundo e

¹ O capital uma relação social por excelência, em sua busca incessante de lucro tende a expandir-se indefinidamente por meio de apropriação de trabalho não pago dos trabalhadores. Seu ciclo expansionista realiza-se por meio da ampliação da parcela do capital investida em meios de produção – capital constante – aumentando a produtividade do trabalho e reduzindo relativamente aquela porção de capital investida em força de trabalho – capital variável. Assim, outra condição e resultado contraditório desse mesmo processo é a ampliação da superpopulação relativa – ou população ‘sobrante’ para as necessidades médias de valorização do capital –, fazendo crescer o desemprego e a precarização das relações de trabalho. Assim, o pauperismo como resultante do trabalho – do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social –, é uma especificidade da produção fundada no capital” (MARX, 1985 apud IAMAMOTO, 2018, p. 219).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

a situação das mulheres, um movimento social que luta por transformação e uma atitude pessoal diante da vida. Como uma linha de pensamento, ou seja, uma perspectiva teórica, o feminismo procura explicar a situação das mulheres e elabora continuamente a crítica e a denúncia da injustiça da sociedade patriarcal, é uma teoria aberta e em permanente construção. Como atitude, o feminismo é uma postura cotidiana assumida por cada mulher diante da sua própria vida ao não aceitar ser o 'tipo de mulher' que a sociedade impõe que ela seja. Em sua dimensão organizativa, o feminismo é a movimentação das mulheres na sociedade para fazer a luta por direitos, por mudanças, por igualdade, por justiça. Entretanto, a igualdade e a justiça que a gente quer não são possíveis nesta sociedade patriarcal, capitalista e racista. É preciso transformá-la. Por isto dizemos que o feminismo é um movimento que confronta o sistema de dominação e propõe a transformação social, pois quer transformar a vida das mulheres e toda a sociedade. (SILVA; CAMURÇA, 2010, p. 12-13).

Nesses termos, é importante dimensionar a divisão sexual do trabalho, como uma das expressões da posição hegemônica do homem frente à mulher, caracterizada pela segmentação do trabalho entre homens e mulheres de forma hierarquizada, determinando o que se considera trabalho feminino e masculino. O que é considerado feminino é desvalorizado, enquanto o masculino é valorizado. (CISNE, 2015).

Com a transição do capitalismo concorrencial para o monopolista é intensificado o acirramento das desigualdades entre as classes sociais, com base na exploração social e sexual do trabalho, resultado do processo de acumulação do capital. Ante ao exposto, as relações sociais determinadas entre os sexos é condição essencial para apreender a totalidade social a qual abarca um sistema de dominação, exploração, opressão, em que se expressam marcadores sociais – classe, raça, gênero – consubstanciados a um sistema capitalista, patriarcalista, racista, mutuamente determinado. (CISNE; SANTOS, 2018).

Mediante ao que foi abordado, compreendemos que não existe um feminismo, mas uma multiplicidade de feminismos, sendo, portanto, um movimento plural, compostos por mulheres diferentes, tendências teórico-políticas diferentes, inseridas em um mesmo modo de dominação e exploração.

3. Neoliberalismo e Feminismo: Desafios no contexto latino americano

O movimento feminista brasileiro não acontece isolado, alheio ao contexto mundial, uma vez que estabelece relações com o feminismo latino-americano e com as novas dinâmicas hoje, presentes em contextos mais amplos, supranacionais. (COSTA, 2005).

De maneira semelhante a outros movimentos sociais, o feminismo surge em



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

resposta a um cenário caracterizado pelas desigualdades sociais, especialmente aquelas decorrentes da dinâmica contraditória entre capital e trabalho. Ele é visto como uma linha de pensamento ou uma perspectiva teórica que procura explicar a condição das mulheres, desenvolvendo continuamente a crítica e a denúncia das injustiças na sociedade patriarcal. Trata-se de uma teoria em permanente evolução (SILVA; CAMURÇA, 2010, p. 12). Nesse contexto,

As epistemologias feministas questionam todo e qualquer discurso ou teoria que se impõe como verdade; assumem uma forma rizomática de construção do pensamento, ou seja, não se apegam normativamente a conceitos porque consideram que não é possível traçar um perfil único e universal de pessoa (ou mulher), pois nele estão implicadas as diferentes culturas, raças, etnias, gerações, orientação sexual, religião, classe social, entre outros aspectos. (LISBOA, 2015, p. 83).

Considerando a realidade latina americana, o contexto em que se insere as primeiras manifestações do feminismo se aproximam daquela que corresponde ao cenário mundial, haja vista que está circunscrito em um modelo de dominação, produção e exploração pautados no sistema patriarcal, capitalista, racista e reúnem fortes tensões sociais, conjunturais e estruturais. (COSTA, 2005).

A característica única do capitalismo neoliberal surge dentro de contextos sociais moldados ao longo da história, resultando em uma variedade de formas específicas em diferentes localidades. Essas formas passaram por um desenvolvimento contraditório, começando com arranjos experimentais até se consolidarem e amadurecerem, enfrentando diversos tipos de contestações ao longo desse percurso.

De acordo com Fraser (2009), o feminismo no contexto latino americano configura a “segunda onda²” e foi originado da Nova Esquerda anti-imperialista e do movimento global contra a Guerra do Vietnã no final dos anos 1960. O movimento feminista surgiu como um desafio à estrutura de dominação masculina do capitalismo sob a organização do Estado.

Sobre este aspecto é importante destacar os dilemas políticos e organizativos enfrentados pelo feminismo como luta social, sobretudo, no que diz respeito à relação com o Estado. Costilla (1997, p. 7) aponta que “[...] o Estado abrange o poder burocrático, as

² Nesse período inicial, o movimento feminista focou em quatro dimensões interligadas da ordem social dominante: primeiro, contra o economicismo, que ignorava as formas não distributivas de injustiça (como as relacionadas à família, sexualidade e raça); segundo, contra o androcentrismo, que se baseava na divisão “genericada” do trabalho, no conceito de salário familiar e na desvalorização do trabalho de cuidado; terceiro, contra o estatismo burocrático, defendendo a democratização e o controle popular; e, por fim, contra o “ocidentofalianismo”, questionando a ordem interestatal estabelecida. (SCHILD, 2016).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

instituições do sistema político e as próprias lutas entre grupos sociais quando elas incidem nas relações de domínio político.” Nesse sentido, essa relação problemática se concentra em pelo menos dois pontos, conforme Gurgel (2015, p. 128):

Primeiro no desafio de se manter numa condição de autonomia frente às estruturas patriarcais-capitalistas, que singularizavam a condição de subalternidade das mulheres na sociedade como tem sido, historicamente, o papel do Estado. Mesmo considerando que as reivindicações do movimento feminista de diferentes formas têm como primeiro interlocutor as estruturas governamentais, na condição de formuladores e executores de políticas públicas. Em segundo lugar, na compreensão da natureza contraditória – portanto limitada e transitória – da reivindicação por políticas e programas sociais na luta pela emancipação humana, em particular, no processo de autodeterminação das mulheres, como já delineamos, exige a construção de outra sociedade.

Na América Latina, o feminismo é reconhecido como um coletivo amplo e diversificado, sendo caracterizado como um movimento social que engloba uma variada composição. Esse reconhecimento confere ao feminismo um caráter dialético, no qual se estabelece uma unidade na construção de um sujeito político que valoriza e reconhece a diversidade, configurando-se, portanto, como um coletivo abrangente. (GURGEL, 2015).

Nesse contexto, conforme Fraser (2009), esse reconhecimento atribui ao feminismo nas primeiras manifestações da segunda onda o objetivo de alcançar uma mudança sistêmica que englobasse simultaneamente aspectos econômicos, culturais e políticos. Não se limitava apenas a substituir o modelo de salário por famílias com dupla renda, mas sim a revalorizar o cuidado de maneira equitativa. O movimento não visava apenas liberar o mercado do controle estatal, mas também democratizar tanto o poder econômico quanto o poder estatal.

Na década de 1970, os Estados capitalistas da América Latina se organizavam em ditaduras militares que tinham o intuito de erradicar a oposição de esquerda e defender as relações de propriedade visualmente desiguais.

Os movimentos feministas dos anos 1970 emergiram no curso das lutas revolucionárias contra os regimes severamente repressivos; juntas militares tomaram o poder no Brasil em 1964, na Bolívia em 1971, no Uruguai e no Chile em 1973 e na Argentina em 1976, instituindo ditaduras tecnocráticas que usaram da tortura e de desaparecimentos e assassinatos para eliminar a esquerda, destruir os sindicatos e desmobilizar a sociedade civil. (SCHILD, 2016, p. 63).

Diante do exposto, é importante reforçar o caráter múltiplo que o campo feminista



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

dimensiona, os movimentos de mulheres dos anos de 1970 na América Latina e também nos dias atuais tiveram/têm muitas vertentes e frequentemente se encontram divididos. A América Latina é, em si mesma, uma simplificação que abrange uma vasta gama de experiências e tendências sub-regionais distintas. Apesar da diversidade social e cultural que moldou os novos movimentos na região, estes também compartilham características e dinâmicas comuns. (SCHILD, 2016).

Muitas feministas importantes surgiram dos movimentos revolucionários dos anos 1960, motivadas tanto pela desigualdade econômica quanto pelas intervenções imperialistas dos Estados Unidos, sendo a Revolução Cubana uma fonte de inspiração central. Esses grupos recrutaram uma nova geração de mulheres bem educadas, que não se contentavam em ser meras assistentes dos homens revolucionários. (SCHILD, 2016).

Na década de 1980, demarca um período de formação de uma rede educação popular de mulheres “a REPEM (Red de Educación Popular Entre Mujeres de América Latina y el Caribe), comprometida com o avanço social, político e econômico das mulheres através da pedagogia crítica.” (SCHILD, 2016, p. 64). No entanto, ações realizadas pelos grupos feministas continuavam a reproduzir relações hierárquicas entre os grupos de mulheres, reproduzindo, desta forma, desigualdades estruturais de classe, raça e conflitos diversos com as demais vertentes do campo feminista.

No Encuentro Feminista de Lima, em 1983, mulheres negras e indígenas ofereceram oficinas sobre racismo que foram solicitadas a serem incluídas em todos os subsequentes encuentros. Quando a questão de raça foi deixada de lado no Encuentro de El Salvador, em 1993, mulheres indígenas e afro-latino-americanas lutaram para devolve-lo à agenda do Encuentro em Cartagena, no Chile, no qual a oficina sobre El lado oscuro y discriminado del feminismo en el ser y Hacer feminista [O lado obscuro e discriminado do feminismo no Ser e Fazer feminista] trouxe suas vozes forçosamente ao debate (RESTREPO; BUSTAMANTE, 2009, p. 19–20).

As feministas na América Latina foram profundamente influenciadas pelos contextos sociais, políticos e econômicos da região. Esses foram os cenários nos quais surgiram encontros, frequentemente contraditórios, com ideias feministas do Norte global, moldando suas próprias perspectivas e abordagens.

Durante a década de 1990, a concepção de autonomia dentro do movimento feminista mudou seu foco da autodeterminação em relação aos partidos políticos para uma abordagem mais institucional, especialmente com o fortalecimento das ONGs feministas na



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

América Latina. Esse período também foi marcado pelo rearranjo das relações entre movimentos sociais e o Estado após as ditaduras militares na região. (GURGEL, 2015).

O surgimento das ONGs feministas coincidiu com as crises enfrentadas pela classe trabalhadora diante da ascensão do neoliberalismo. Isso se manifestou na resistência limitada às políticas de reestruturação produtiva e ao aumento do desemprego estrutural, além dos desafios relacionados à mobilização e participação social na defesa das conquistas históricas alcançadas pelos diversos grupos sociais no contexto do capitalismo tardio na América Latina. (GURGEL, 2015).

Nessa perspectiva, o feminismo tem-se ampliado na era do neoliberalismo, passando de um “movimento contracultural radical” para um “fenômeno social de massa”, transformando entendimentos sociais e remodelando as visões do senso comum de família, trabalho e dignidade. (FRASER, 2009). Segundo a autora, o neoliberalismo mudou a forma de operação no qual o feminismo atuava.

[...] o efeito foi o de “ressignificar” os ideais feministas – um termo emprestado de Judith Butler. Aspirações que haviam tido uma carga claramente emancipatória assumiu um significado mais ambíguo na era neoliberal; adquiriram uma nova valência. Em particular, o conceito feminista chave da autonomia material e psicológica das mulheres, realizada por meio de práticas pedagógicas de empoderamento, passou a desempenhar um papel crucial na América Latina para o projeto cultural do neoliberalismo. Isto foi incorporado nos programas sociais direcionados aos pobres, dirigidos pelas burocracias estatais e suas ONGs subcontratadas. (SCHILD, 2016, p. 68).

A autonomia promovida pelo modelo neoliberal da família, caracterizado pelo duplo assalariamento e pelo trabalho flexível, não vem sem custos. Nancy Fraser (2009) observa que essa emancipação é frequentemente aproveitada para impulsionar a acumulação capitalista, enquanto a responsabilização do trabalho de cuidado continua predominantemente sobre as mulheres. Esta responsabilização das mulheres na América Latina caminha de mãos dadas com o aumento da criminalização e da pobreza.

O pensamento conservador e neoconservador do nosso tempo apropria-se do pensamento liberal e neoliberal para forjar uma democracia elitista e excludente[...].³ (GONZÁLEZ, 2009, p.211). (tradução nossa).

Nessa perspectiva, a direção dos feminismos latino-americanos no século XXI está

³ El pensamiento conservador y neoconservador de nuestro tiempo se apropria del pensamiento liberal y neoliberal para forjar una democracia elitista y excluyente.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

inseparavelmente ligado às amplas dinâmicas que estruturam as desigualdades sociais, econômicas e raciais da região, necessitando, portanto, que estratégias sejam definidas de modo a fortalecer o feminismo como sujeito coletivo.

Um feminismo crítico renovado, capaz de contribuir para um projeto emancipatório mais amplo, deve examinar de perto a história do feminismo liberal predominante nos últimos vinte e cinco anos. É nesse contexto que devemos entender a preocupante convergência entre os objetivos de emancipação das mulheres e os interesses do capitalismo neoliberal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o que foi exposto, este trabalho buscou estabelecer uma reflexão crítica sobre a situação do feminismo latino americano frente os desafios impostos pela dinâmica neoliberal.

Nesse sentido, considerando a multiplicidade de feminismos e levando em conta ser um movimento que caminha no sentido de emancipação, ressaltamos que essa luta, somada à luta anticapitalista e a superação da luta de classes, supõe também a dimensão de emancipação humana (CISNE, SANTOS, 2018).

Por fim, esperamos que esse estudo possibilite às(aos) leitoras(es), através do panorama histórico e teórico desenvolvido nesta pesquisa, o interesse para outros estudos, no sentido de ampliarmos e darmos visibilidade às discussões e não sufocarmos as vozes das inúmeras mulheres que historicamente lutaram e morreram por melhorias; que possamos nos debruçar sobre os estudos feministas, coadunando com Lispector (1978), sem o sentimento de culpa e sim como aviso de que somos livres.

REFERÊNCIAS

ÁVILA. M. B. Reflexões sobre a divisão sexual do trabalho. In *Feminismo e gênero: Desafios para o Serviço Social*. TEIXEIRA.M. ALVES.M.E.R. (Orgs). Brasília: **Editorial Abaré**. 2015. p. 2.

CISNE. M. Divisão sexual do trabalho, feminismo e Serviço Social. In **Feminismo e gênero: Desafios para o Serviço Social**. TEIXEIRA. M. ALVES.M.E.R. (Orgs). Brasília: Editorial Abaré. 2015. p. 61-62.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

CISNE, M.; SANTOS, S. M. M. dos. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1. ed., v. 8, 2018.

COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. **Revista Labrys, Estudos Feministas**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 9-36, 1 sem. 2005.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. p. 86.

FRASER, N. **Feminism, Capitalism and the Cunning of History**. *New Left Review*, n. 56, p. 97-117, mar. –abr. 2009.

GONZÁLEZ CASANOVA, PABLO. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación: pensar América Latina en el siglo XXI** / Pablo González Casanova; compilador Marcos Roitman Rosenmann. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Clacso, 2009.

GURGEK, T. Feminismos e autonomia na América Latina: algumas questões estratégicas. In: **Feminismo, gênero e sexualidade: desafios para o Serviço Social**. Marlene Teixeira. Maria Elaene Rodrigues Alves. (Organizadoras) – Brasília: Editorial. Abaré. 2015. p. 125-138.

LISBOA, T. K. Feminismo, pesquisa e produção do conhecimento em Serviço Social. In: **Feminismo, gênero e sexualidade: desafios para o Serviço Social**. Teixeira, M.; Alves, M.E.R. (Orgs). Brasília: Editorial Abaré, p. 73- 100, 2015.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela** 1. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. Obras escolhidas em três volumes. Rio de Janeiro: Vitória, v. 3, 1963.

OLIVEIRA, C. N. de. Nas “Ondas” do Feminismo: Movimento em avanço. **CONINTER 4. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, Foz do Iguaçu PR: UNIOESTE, n. 4., p. 45 – 59, dez. 2015. Disponível em: <http://www.aninter.com.br/Anais%20Coninter%204/GT%2010/04.%20NAS%20ONDAS%23U201d%20DO%20FEMINISMO.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2024.

RESTREPO, A.; BUSTAMANTE, X. **10 Encuentros Feministas Latinoamericanos y del Caribe: Apuntes para una historia en movimiento. Colectiva “El grito de las brujas”**. Cidade do México: Comité Impulsor del XI Encuentro Feminista, 2009.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo. 2004. p. 45-136.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1976.

SAFIOTTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1987.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

SHILD, V. **Feminismo e neoliberalismo na América Latina**. Revista outubro, n.26, julho. 2016.

SILVA, C.; CAMURÇA, S. Feminismo e movimento de mulheres. **SOS Corpo – Instituto Feminista para a democracia**, n.1., Recife, 2010. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/sos-corpo/20170920041351/pdf_950.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.